

QUILOMBOS, AGRICULTURA TRADICIONAL E A AGROECOLOGIA: O AGROECOSSISTEMA DO QUILOMBO JOÃO SURÁ SOB A ÓTICA DA SUSTENTABILIDADE

Lourival Fidelis

Resumo: Existem no Brasil, atualmente, 3900 comunidades remanescentes de quilombos (CRQs). Boa parte dessas comunidades reside no meio rural e tem na agricultura uma de suas principais atividades. Esta agricultura é, em boa parte das comunidades, baseada em práticas tradicionais de cultivo, representando, assim, um “*locus*” por excelência de saberes tradicionais afrodescendentes, que podem estar radicados em sua agricultura tradicional (AT). A CRQ João Surá está localizada em Adrianópolis, município em que estão localizadas nove comunidades quilombolas e quatro comunidades negras tradicionais. Por adotar uma epistemologia baseada na multidisciplinaridade e o constante diálogo com os conhecimentos e saberes tradicionais e suas populações tradicionais, a agroecologia vem buscando novas formas de manejo dos agroecossistemas. Com a contribuição de outras ciências, se propõe a pensar e propor modelos e sistemas sustentáveis de agricultura. Este trabalho advém de uma pesquisa de mestrado defendida em fevereiro de 2011, na UNICAMP e tem como hipótese que a AT das CRQ’s tem contribuições a oferecer para os estudos da Agroecologia. Tem como objetivo conhecer e estabelecer relações e interfaces entre a AT presente na CRQ João Surá, localizada em Adrianópolis – PR, Vale do Ribeira paranaense, e a Agroecologia. Trabalhou-se com a Metodologia Qualitativa utilizando principalmente o método de História Oral. A análise dos sistemas produtivos da CRQ João Surá, no que diz respeito à água, aos solos, às sementes e manejos culturais, revela que sua AT detém condições sustentáveis de produção que coincidem com os princípios da Agroecologia.

Palavras-chave: Agroecologia. Agricultura tradicional. Quilombo.

Quilombos of black communities, traditional agriculture and agro ecology: the agro ecosystem of Quilombo João Surá and sustainable production

Abstract: In Brazil there are currently 3900 Quilombola communities (CRQs). Much of these communities live in rural areas and agriculture is one of its main activities. This agriculture is largely community based on traditional practices of cultivation thus representing a “*locus*” for excellence in traditional knowledge of African descent that are rooted in its traditional agriculture (TA). The CRQ João Surá is located in the municipality where they are located Adrianópolis nine Quilombos communities and four traditional black communities. By adopting an epistemology based on multidisciplinarity and constant dialogue with the knowledge and their traditional knowledge and traditional populations Agroecology is seeking new forms of management of agroecosystems. With input from other sciences is proposed to devise and propose models and systems of sustainable agriculture. This paper is results a Master thesis defended in February 2011 at UNICAMP and had hypothesized that the

CRQ AT's have to offer contributions to the study of Agroecology. The objective was to meet and establish relationships between TA and interfaces present in the CRQ João Surá, located at Adrianópolis – PR, Vale do Ribeira and Agroecology in Paraná state. Worked up with the Qualitative Methodology using mainly the method of oral history. The analysis of production systems João Surá, with respect to water, soil, seeds and cultural managements reveals that TA holds its sustainable production conditions that coincide with the principles of Agroecology.

Keywords: Agroecology. Traditional agriculture. Quilombo.

INTRODUÇÃO

Há no rural brasileiro um cenário novo, que se desvela demonstrando, com isso, que há uma multiplicidade de sujeitos do campo. Camponeses que vêm construindo suas identidades e que, a partir destas, demonstram que há muitas representações identitárias compondo o rural brasileiro (WANDERLEY, 2000).

Assim, o camponês não tem só uma “cara”, uma cor e um vocabulário, ele se mostra bem mais diverso e complexo. Esta constatação vem fazendo com que velhas formas de se analisar os camponeses e seus múltiplos arranjos no campo sejam revistos.

As populações tradicionais vem reafirmando sua identidade camponesa por meio da organização política e das ações articuladas com base em sua etnia. Como exemplo de populações tradicionais hoje organizadas no Brasil, pode-se citar os: faxinalenses, os quilombolas, os ciganos, os pescadores tradicionais e artesanais, os ribeirinhos, os caiçaras, as quebradeiras de coco, os cipozeiros, geraizeiros, entre outras populações tradicionais, que cada vez mais se apresentam organizadas na sociedade brasileira. Muito embora se saiba da existência de remanescentes de quilombos urbanos, é fato que a maioria das comunidades já identificadas pela Fundação Cultural Palmares está e vive no e do espaço rural (FCP, 2010). Isto não determina que a agricultura seja a forma principal de geração de renda dessas comunidades, mesmo assim, essa é uma atividade principal ou transversal às outras atividades presentes e executadas pelas comunidades remanescentes de quilombos (CRQ's). Esses agricultores, a partir de uma lógica camponesa, elaboram técnicas, manejos do solo, das águas e sementes, flora e fauna, que marcam seu espaço, seu território, meio físico e biológico.

É por conta disso que é possível afirmar que seu modo de produzir agricultura está longe de ser considerado agricultura de subsistência, como vem sendo definido, via de regra, por um viés produtivista, que anula e impede de observar que muitas dessas CRQ's produzem uma agricultura pensada para alimentação familiar, num primeiro plano, e para preservação interativa da natureza, num segundo momento.

Agricultura é, dessa forma, antes de qualquer análise linear, parte de uma estratégia maior, que tem como base a reprodução e a segurança alimentar do núcleo familiar. Essa estratégia não prescinde da preservação das sementes, da recomposição da fertilidade dos solos através do pousio e outras técnicas que compõem a agricultura das comunidades quilombolas. Contemporaneamente, a agroecologia vem pesquisando essas formas de se praticar a agricultura, que se baseiam na filosofia da existência, traçando modelos de produção conceitualmente nominados de agroecossistemas, notadamente aqueles que se valem dos recursos, conhecimentos e insumos locais para a sua reprodução e evolução. Assim, esses agroecossistemas quando incutidos na lógica camponesa, vão ao encontro da Agroecologia, se tornando mais adequados, do ponto vista das dimensões da sustentabilidade discutida por Caporal e Costabeber (2002). Este trabalho advém de uma pesquisa de mestrado defendida em fevereiro de 2011, na UNICAMP, e tem como hipótese que a agricultura tradicional (AT) das CRQ's tem contribuições a oferecer para os estudos e avanços da agroecologia. O trabalho tem como objetivo conhecer e estabelecer relações e interfaces entre a AT presente na CRQ João Sura, localizada em Adrianópolis – PR, Vale do Ribeira paranaense, e a agroecologia. Trabalhou-se com a Metodologia Qualitativa utilizando principalmente o método de história oral. As análises dos sistemas produtivos da CRQ João Surá, no que diz respeito à água, aos solos, as sementes e manejos culturais, revelaram que sua AT detém condições sustentáveis de produção que coincidem com os princípios da Agroecologia. Neste artigo serão apresentados e analisados dados sobre os solos, a água e as sementes da comunidade estudada.

A OCUPAÇÃO DO VALE DO RIBEIRA E O QUILOMBO, CAMPESINATO E A AGROECOLOGIA

A ocupação humana do Vale do Ribeira é, sem dúvida, bem anterior à chegada de Colombo à América. Segundo Dean (2010), a presença humana nas planícies e altiplanos sul-americanos data de, pelo menos, 13 mil anos. Houve grupos que permaneciam por tempo mais prolongado nessas regiões, sendo esses, também, produtores de cerâmicas que se alimentavam da pesca, da coleta e dos cultivos para a alimentação (STRUMINSKI 1999 *apud* BIANCHINI, 2010). Nesse período, o Brasil detinha pouco mais de quatro milhões de pessoas, pertencentes aos diversos povos indígenas, em sua maioria do tronco Tupi-Guarani (RIBEIRO, 1995 p. 31). A reocupação do Vale do Ribeira ocorreu por conta da exploração de ouro de aluvião, a partir de Paranaguá, Cananéia e Iguape, e, logo em seguida, pela exploração de áreas cada vez mais amplas para exploração da pecuária nos planaltos curitibanos (IANNI, 1988).

Os negros que chegaram ao Vale do Ribeira foram capturados na África, eram originários de Guiné, de Angola e de Moçambique. Essa chegada ocorreu por volta do segundo quartel do século XVII, e foram trazidos para o trabalho escravo na mineração e no cultivo de arroz, Carril (2001, p. 28). No que diz respeito aos ciclos econômicos que tiveram na mineração e no arroz grande importância, o que se pode inferir é que os quilombos têm sua origem no vale durante o período de vigência desses ciclos na região. Com seu declínio e o fim da escravidão no século XIX, as fazendas começam a contratar mão-de-obra livre, mas em menor escala. Os negros que permanecem na região solidificam as comunidades quilombolas que já vinham sendo formadas no período escravista.

OS SIGNIFICADOS DOS QUILOMBOS

O conceito de quilombo vem sendo ressemantizado pela ciência e pelos movimentos sociais relacionados à questão do negro, ampliando seus significados. A concepção que se tinha sobre os quilombos se distanciou imensamente da de sinônimo de negros rebeldes que, em fuga da opressão escravista, se organizavam em grupamentos de, pelo menos, cinco negros sem nenhum recurso:

[...] O Conselho Ultramarino Português datado de 1740, [...] define quilombo como “toda habitação de negros fugidos, que possuem pelo menos cinco negros em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele” (LEITE 2000 apud LOPES 2010).

Longe de ser um fenômeno exclusivo do Brasil, a formação de quilombos teve correlatos em diversas partes das Américas:

As comunidades formadas pelos negros escravos [...] receberam vários nomes nas diversas regiões do Novo Mundo: Quilombos ou Mocambos no Brasil; Palenques na Colômbia e em Cuba; Cumbes na Venezuela; Marrons no Haiti e nas demais ilhas do Caribe francês; grupos ou comunidades de Cimarrones em diversas partes da América Espanhola, maroons, na Jamaica, no Suriname e no Sul dos Estados Unidos (CARVALHO, 1995 p. 15).

Para GOMES (2005), a historiografia trabalhou em dois tipos de abordagens sobre o quilombo. A primeira linha interpretativa surge na década de 1930, sob a influência de Nina Rodrigues, que estudou os quilombos e mocambos no Brasil sob a tese da contra-aculturação. Mais tarde, autores como Arthur Ramos, Edison Carneiro e, posteriormente, Roger Bastide, dão continuidade à pesquisa sobre os quilombos como fenômenos de resistência cultural. A segunda linha de interpretação tem na ótica marxista seu pilar

teórico principal, com foco na luta de classes e no materialismo histórico para sustentar as teses trabalhadas. Como principais autores desta linha destacam-se: Clovis Moura, Alípio Goulart, Luís Luna e Décio Freitas. A partir dessas duas linhas analíticas, o conceito de quilombo sai da academia e adere às lutas políticas do Movimento Negro, principalmente na década de 70, tomando as ruas e influenciado, inclusive, a produção cultural e artística do país. Mas, recentemente, Alfredo Wagner Berno de Almeida, ao discorrer sobre quilombos afirma que:

Quilombo existe onde há autonomia, existe onde há uma produção autônoma que não passa pelo grande proprietário ou pelo senhor de escravos como mediador efetivo, embora simbolicamente tal mediação possa ser estrategicamente mantida numa re-apropriação do mito do bom senhor, tal como se detecta hoje em algumas situações de aforamento (ALMEIDA, 2006, p. 92).

Outro conceito é proposto em 1994 pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Este conceito sugere que quilombo é: “Toda comunidade negra rural que agrupe descendentes de escravos vivendo da cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado” (ITESP, 2000 p. 7). O’DWYER (1995, p.1) sugere que:

Quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de população estritamente homogênea. Nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados. Sobretudo consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e na reprodução de modos de vida característicos, e na consolidação de território próprio. A identidade desses grupos não se define por tamanho nem por número de membros, mas por experiência vivida e versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade como grupo.

Essa diversidade de definições e conceitos tenta trazer para o âmbito científico a diversidade e riqueza que é o quilombo e seus remanescentes. As CRQ’s são cercadas de histórias de vida e de lutas, característica principal desses sujeitos do campo.

OS QUILOMBOS E A AGROECOLOGIA

No que se refere a AT das CRQ’s, pode-se dizer que ela faz parte da agricultura familiar. Tem em sua origem a lógica camponesa, seja para produção de alimentos para o sustento familiar, como na de excedentes para comercializar com a rede de trocas e do comércio à sua volta (GOMES, 2005).

Em uma primeira análise podemos afirmar que a agricultura tradicional é uma:

[...] agricultura praticada por povos tradicionais em locais onde não havia disponibilidade de outros insumos além do trabalho humano e dos recursos locais, ou onde foram encontradas alternativas que reduziam, eliminavam ou substituíam insumos humanos intensivos no uso de energia e de tecnologias, comuns a grande parte da agricultura convencional de hoje (GLEISSMAN, 2000).

Sevilha Guzmán (2001, p. 39) salienta que: [...] “a co-evolução local possui a lógica de funcionamento do agroecossistema, naquelas zonas em que o manejo tradicional histórico mostrou condições de sustentabilidade”. Este autor ainda acrescenta que:

Não obstante existe uma contundente evidência empírica que nos mostra (*que há*) possibilidade de recriação e, inclusive de inovação de tecnologia de natureza ambiental naqueles lugares onde os homens recuperam a co-evolução com seu sistema (GUZMÁN 2001, p. 39).

As agriculturas tradicionais primam pela diversidade de seus sistemas agrícolas em contraposição a artificialização e simplificação dos agroecossistemas que é a tônica nos sistemas industriais de cultivo. E, nesse sentido “os sistemas tradicionais de produção estão geralmente organizados para resistir a estresses ambientais, restrições de mão-de-obra e aproveitam à consorciação simbiótica” para se desenvolver. (COSTA 2004, p. 69 – 70).

Reside na história de cada comunidade remanescente de quilombo, pontos que andam na direção da sustentabilidade, afirmando sua importância como detentoras de saberes tradicionais muito próprios. É nesse conjunto de conhecimentos que a agroecologia vem reservando esforços para discutir bases sustentáveis para uma agricultura mais equilibrada.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Dentre os vários métodos que a Metodologia Qualitativa oferece, optou-se pela História Oral, por ser tratar de um método que tem como característica a estreita relação com categorias como “*biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos etc.*” (ALBERTI, 2004 p. 18). Para o levantamento de dados escolheu-se a entrevista temática. A temática utilizada foi a história da agricultura do quilombo João Surá. A escolha dos entrevistados foi facilitada pelos trabalhos realizados pelos autores desde 2006 na comunidade. Esse contato anterior à pesquisa facilitou a aceitação e o consentimento, bem como o entendimento dos objetivos da pesquisa. Foram escolhidos quatro agricultores do núcleo de Guaracuí, um dos três núcleos que integram a comunidade João Surá, os

outros dois são João Surá e Poço Grande. A comunidade quilombola João Surá é composta por quarenta famílias e está localizada no município de Adrianópolis, município paranaense que se localiza na região do Alto Vale do rio Ribeira do Iguape. Seus limites e fronteiras são o estado de São Paulo, ao norte, e, a leste é limitado pela confluência do rio Ribeira de Iguape e o rio Pardo.

OS AGROECOSSISTEMAS DO QUILOMBO JOÃO SURA: OS SOLOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA JOÃO SURÁ

O estudo dos solos que se procedeu nos agroecossistemas dos agricultores entrevistados, baseou-se nas informações dadas por eles. Não se procederam a análises químicas ou físicas dos solos, por outro lado, trabalhou-se com os agricultores as noções sobre os solos que manejam. Ademais, os depoimentos dados por eles vão desde uma descrição pedogenética, passando pelas técnicas de interpretar a fertilidade dos solos.

Os solos de Adrianópolis são, predominantemente, jovens, compostos, em quase 70%, de neossolos, sendo que o restante da área do município se distribui em outros 5 tipos de solos, entre eles pode-se encontrar os nitossolos brunos, nitossolos vermelhos, chernossolos rendóxicos e manchas de latossolos vermelho-amarelo (IPARDES, 2007). Segundo este instituto, 94,3% das áreas são de alta fragilidade, sendo o restante, 5,7%, de afloramentos rochosos. Para os agricultores entrevistados, a formação do solo é expressa da seguinte forma:

É o solo vem de baixo para cima! E daí que fica boa de plantar porque na hora que você corta a árvore e tira toda a galhada de cima a planta não produz. Ela sai, mas meio amarelada, meio fraca, mas depois que ela apodrece um pouco que se faz a camada, daí bate a umidade de cima e o que acontece, ela esquenta e daí ela fermenta e daí é que ela vai formar a cobertura de solo. E aí que você corta e vê que ela está gorda (seu Paulico 2010).

As profundidades dos solos no núcleo de Guaracuí não passam de dois metros nas regiões de encostas, o que vem acentuando os prejuízos em épocas de estiagens prolongadas. A noção de que as condições de seus solos não são boas foram expostas por todos os agricultores, ao afirmarem que estes têm piorado nos últimos anos:

[...] eu trabalho um solo assim bem desgastado pelo tempo de trabalho além do uso do fogo, trabalho com a enxada né. [...] um pouco é por falta de manejo com a terra, de deixar ela descansar um tempo (seu João Martins, 2010).

Se as condições de fertilidade não são muito favoráveis aos cultivos agrícolas da comunidade, por conta do uso prolongado de técnicas como o fogo, que ainda é usado em pequena escala, por outro lado, o que impressiona é o conhecimento dos agricultores acerca dos limites que esses solos oferecem e, também, o que é necessário para contorná-los. Além disso, nos aspectos cognoscíveis, fica patente o conhecimento que acumularam acerca dos solos. Não só isso, mas, também, a identificação, a percepção de cor, textura, profundidade e tipo de vegetação que ocorre em função do tipo de solo. Os agricultores familiares, notadamente aqueles que trabalham na lógica camponesa, detêm, como poucos, o conhecimento sobre os solos (ALVES *et. al.* 2003 p. 380).

Para os agricultores entrevistados, trabalhar com os solos de suas propriedades é mais do que, simplesmente, plantar e cultivar. Solo é o local de trabalhar com outros agricultores, é o local de reproduzir valores como o de cooperação, é onde se cria e se educa os filhos:

Pra mim o solo é a terra, tanto faz terra fraca como terra forte. Para mim é uma terra que seja assim, que tenha assim uma cobertura boa ai em cima da terra, mas que ela produza com frequência (seu João Martins, 2010).

Este é um dos princípios que norteiam a construção de agriculturas de base ecológicas, fundadas nos princípios da Agroecologia. Solos bons são os solos que se tem à disposição e, a partir deles, construir a fertilidade desejada. Dois quilombolas, dos quatro entrevistados, já vem adotando técnicas e manejos ecológicos que vem influenciando os outros agricultores da comunidade:

[...] hoje estou com esta consciência de não queimar e não carpir o solo pra amanhã ou depois não acontecer o que esta acontecendo agora né. Tentar passar isto para o outros que acho que é importante a gente trabalhar com a cobertura boa em cima da terra. Para mim tem uma grande importância, eu acho que cuidar dela, cuidar da terra, pra que não venha a se degradar eu acho que seria muito importante (seu João Martins, 2010).

Segundo seu João, é o solo que faz o agricultor e não o contrário. Reside aí uma das mais importantes contribuições que esses quilombolas podem dar às agriculturas de base ecológica e à agroecologia, contribuições que são passadas de geração em geração:

[...] como meu pai preservou a terra né e deixou e a gente já viveu em cima dela uma quantidade de anos [...] a gente pretende trazer um sistema de plantio diferente na terra, que possa segurar os filhos da gente [...] para que não venha a abandonar a terra. Porque é muito importante fazer com que ela produza com qualidade e sem carecer degradar e garantir uma produção para os mais novos (seu João Martins 2010).

Resumidamente, esta é a conotação impressa por esses quilombolas, que conferem a terra e seus solos uma dimensão que ultrapassa a de um simples bem de uso. A terra foi herdada e, junto com ela, também receberam valores que deverão ser repassados às gerações futuras, porém, re-significados no que chamam de um sistema novo de plantio, que, para dois dos quilombolas entrevistados, é a agroecologia e, a partir desta mudança, garantir que não se repitam os erros do passado.

A ÁGUA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA

Na opinião dos agricultores familiares entrevistados, as águas disponíveis na comunidade, tanto as águas para o consumo, quanto para a agricultura, vêm piorando nos últimos anos. Além disso, o que os quilombolas dizem é que não é possível se pensar o mundo sem considerar que *tudo o que tem na terra, tem na água*. Pode-se dizer que o *mundo da água* condensa as relações de reciprocidade das comunidades para com a natureza (MIRALES, 1998 p. 92). Nesse sentido, os valores que cercam a água, notadamente aqueles radicados nos saberes acumulados pelos quilombolas, e que a partir desse acúmulo tomam as decisões que re-significam sua agricultura e a forma de praticá-la. A água usada para os cultivos da comunidade vem, principalmente, das chuvas e escasseiam com as secas:

Olha, aqui na verdade quando dá um sol tem que suportar, como diz a história. Se produzir é por grande misericórdia divina. [...] Mas aqui eu já cheguei a plantar uma saca de feijão e colher 30 quilos. Não vale a pena! Eu já sofri muito com a conseqüência do sol (João Martins, 2010).

Além da seca que castiga as lavouras, quantidade de água, segundo relatos dos quilombolas, vem diminuindo na comunidade:

[...] A água diminuiu muito sabe e vejo que vem vindo cada dia mais o desrespeito. Os peixes que tinha no rio e a gente vendo ai hoje o veneno que o pessoal joga nas margens, tinha muito cascudo uma época e hoje não [...] provavelmente que os rios vão ficar sem peixes (seu João Martins, 2010).

O professor Antonio Aparecido relata uma seqüência de peixes que povoavam os rios e que hoje já não existem mais.

Tinha o cascudo bacari, o anã uma espécie de cascudo menor e era gostoso demais e muito saudável. Tinha em abundância, chegava nos rios para observar era de se assustar com o tanto que tinha e hoje já não existe mais. Tinha o bagre, a traíra, traíra traputanga. Hoje a gente conta pras crianças ou pra vocês que estão chegando agora, dizem que é mentira (professor Antonio Aparecido 2010).

Nos relatos dos quilombolas verifica-se a necessidade de se tratar a água com respeito, e que a partir daí, assume uma dimensão maior, patente nos relatos como algo que é necessário alcançar mediante a tomada de consciência.

A água é tudo! Água é vida! Sem ela ninguém vive. Primeira coisa é o batismo não é?! É começa por aí e daí é ela que faz dar a semente, ela que cozinha, é ela que me banha, é ela que eu tomo! Ela banha desde o batismo até a morte! A água é a amiga também da agricultura. (seu Paulico 2010)

A comunidade já conta com uma caixa d'água, que irá distribuir água tratada, e outra era construída quando do levantamento para esta pesquisa, no entanto, ainda não estava em funcionamento. As águas usadas para o consumo são provenientes de nascentes localizadas nos topos dos morros, e por mangueiras seguem para as casas das famílias para consumo e para higienização. Mesmo com esses limites, as quantidades de alimentos produzidos sempre supriram as necessidades, segundo os quilombolas, pois são produzidos pelo sistema de policultivo. De certa forma, mesmo tendo poucos recursos para minimizar os efeitos da falta da água nos cultivos em determinadas épocas do ano, as garantias mínimas vem sendo mantidas. Na medida em que se pensa em alternativas para a melhoria da fertilidade e preservação dos solos, da forma que é pensada pela agroecologia, também se pensa a preservação e melhoria da qualidade das águas. Na comunidade, essa questão vem sendo resolvida de forma a garantir as necessidades imediatas, mas carecem ser melhor planejadas, de modo a propiciar o fornecimento de água com qualidade e suficiente para o consumo e produção agrícola.

AS SEMENTES E A SUA PRESERVAÇÃO NO QUILOMBO JOÃO SURÁ

A manutenção das sementes e materiais vegetais de propagação da comunidade, alguns com, pelo menos, cinquenta anos de reprodução e cultivo nas suas roças, e outros com mais de cento e cinquenta anos, vem sendo cultivados pelo quilombo e se mantendo sob sua posse durante os duzentos e três anos da comunidade. As sementes e materiais vegetais de propagação crioulas, além da grande diversidade genética, garantem uma melhor adaptabilidade aos agroecossistemas locais, são mais resistentes à baixa utilização de insumos e poupadoras de recursos naturais, causando, assim, menos impactos ao meio ambiente (BEVILAQUA, 2010). A primeira constatação é que, mesmo com a falta de solos férteis, água em quantidade suficiente e terrenos planos, a comunidade detém uma grande variedade de sementes e materiais vegetais de propagação. Pela pesquisa de campo deparou-se com

cultivares¹ de cana-de-açúcar (*Saccharum spp*), de arroz (*Oryza spp*), de feijão (*Phaseolus vulgaris L.*), de mandioca (*Manihot esculenta Crantz*) e cultivares de café (*Cofea arábica L.*). Entre essas sementes e cultivares, existem algumas que já se encontram, há pelos menos duzentos anos, no caso das mais antigas, e de quinze a dois anos, as mais novas. A partir das informações sobre as sementes e materiais vegetais de propagação, foi possível elaborar as Tabelas 1, 2, 3 e 4, nas quais estão relacionados os tempos em que vem sendo cultivadas na comunidade. Na TABELA 1 encontram-se as cultivares de canas de açúcar utilizadas pelos agricultores de João Sura, e seus respectivos tempos de cultivos. Constata-se que das 7 cultivares encontradas, três estão sendo cultivadas há mais de cem anos. Pelo depoimento dos agricultores, essas cultivares de cana de açúcar vem mantendo, no decorrer do tempo, o seu poder de germinação.

O arroz governinho foi apresentado pelos quilombolas como “semente poderosa”, pois é cultivada por eles há mais de duzentos anos. Outros cultivares de arroz, como o arroz branco de noventa dias, o arroz matão amarelo ou amarelão (ou simplesmente amarelo de noventa dias) e arroz de cento e vinte dias, estão na comunidade há cerca de trinta anos (TABELA 2). Feijão carioca, mãezinha e rosinha são cultivares novos na comunidade, segundo os agricultores, pois são cultivados há cerca de trinta e cinco anos. O destaque para o caso do feijão foi o chamado feijão branco manteiga, ou manteigão, que é conhecido e cultivado pela comunidade há mais de duzentos anos. Esse cultivar, segundo os agricultores, chegou a João Surá com os escravos que deram origem ao quilombo (TABELA 3). No caso dos cultivares de mandioca, as cultivares vassourinha ou pãozinho, e são Pedrinho, estão na comunidade João Surá há mais de duzentos anos. A cultivar são pedrinho é conservada por apenas um agricultor, cujo objetivo apresentado por ele é a manutenção da variedade, por ser de excelente qualidade (TABELA 4).

Os motivos pelos quais se plantam determinadas sementes por tanto tempo são justificados pelos agricultores por ser “mais gostoso”, “render mais na panela”, ou por ser um “feijão bonito”, reside, dessa forma, num outro nível de significações e motivações do porque uma determinada cultivar na agricultura do quilombo perdurar por tanto tempo. As sementes desses agricultores não têm altos rendimentos produtivos, não alcançam preços ótimos no mercado de cereais, mesmo assim, são cultivadas há mais de cento e cinquenta anos, garantido a alimentação das famílias. Cultivares de cana de açúcar, como a *caninha*, que é usada para fins medicinais, foi resgatada e é cultivada por um dos agricultores. A estratégia do policultivo foi desenvolvida ao longo dos mais de duzentos anos da comunidade, para que se pudesse contornar os limites que são impostos pela presença de solos

¹ Não foi possível levantar os nomes científicos de cada cultivar encontradas na comunidade estudada, processo que se encontra em fase de pesquisa junto aos centros especializados.

pobres e pelas secas, que castigam os cultivos localizados nos topos dos morros. A posse das sementes pelos agricultores é um grande indicador de sustentabilidade. Cultivares tão específicas quanto do arroz *governinho*, “*matão amarelo*” ou de feijões como o “*branco manteigão*”, feijão “*mulatinho*” e “*rosinha*”, ou as de cana de açúcar como as cultivares “*Java*”, “*preta*”, ou “*piracicaba*” e “*caninha*” por mais de trinta, quarenta, e até mesmo cento e cinquenta e duzentos anos, é um fator importante a ser considerado.

ALGUMAS CONCLUSÕES

O quilombo João Surá está inserido numa região onde os solos são pobres em fertilidade natural e de pouca profundidade, fato que não os impediram de melhorar sementes e cultivares, e ainda adequar técnicas, formas e manejos visando à produção de alimentos necessários às famílias que integram a comunidade. No entanto, o quilombo detém uma quantidade de sementes impressionante, o que liga a agricultura camponesa da CRQ João Surá a alguns dos princípios agroecológicos que vem sendo discutidos por Altieri (2009), Caporal e Costabeber (2002) e Gliessman (2000). Um desses princípios é, sem dúvida, a autonomia dos camponeses, principalmente aqueles que acumulam saberes e conhecimentos tradicionais. Para os quilombolas, sementes novas são aquelas que são cultivadas por eles há dez ou vinte anos. A recomposição da fertilidade dos solos é realizada mediante ciclagem da matéria orgânica, que além dessa função (de recompor a fertilidade), tem também a função de suprir as famílias com lenha. Mas o que se considera importante são os cultivos, a preservação e a adequação das sementes por gerações e gerações em poder dos agricultores do quilombo, sendo que todas mantêm um bom vigor germinativo no seu sistema de cultivo. A comunidade desenvolveu, durante dois séculos, nas áreas onde está assentada, estratégias que lhe garantiu o sucesso por meio da prática da agricultura. E isso se deve à posse das sementes, dos conhecimentos e de seus saberes tradicionais. Carece, portanto, que esses acúmulos de conhecimentos sejam estudados e entendidos para que sejam preservados e, com isso, que seja possível lhes dar o devido valor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, V. *Manual de história oral*. 2ª ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: FGV, 2004. 236p.
- ALMEIDA, A. W. B. *Terras de quilombos, terras indígenas, 'babaquais livres', 'castanhais do povo' faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas*. Manaus: PPGSCA – UFAM, 2006.

ALTIERI, M. A. *Agroecologia: dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. 5ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 116p.

ALVES, Â. G. C. Caracterização etnopedológica de planossolos utilizados em cerâmica artesanal no agreste paraibano. XXIX Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Ribeirão Preto, 2003.

BEVILAQUA, G. A. Sementes crioulas e a soberania dos povos. Entrevista online. Disponível em: <http://www.ecodebate.com.br/2010/04/16/sementes-crioulas>. Acesso em: 22 de Nov. 2010.

BIANCHINI, V. O programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar e a Sustentabilidade da Agricultura no Vale do Ribeira – Paraná. Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento da UFPR. Curitiba, 2010.

CAPORAL, F. COSTABEBER, J. A. Análise Multidimensional da Sustentabilidade. Uma proposta metodológica a partir da Agroecologia. *Revista de Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*. Porto Alegre. Vol. 3, nº 3. Jul/set 2002.

CARRIL, L. F. B. *Terras de negros no Vale do Ribeira: territorialidade e resistência*. São Paulo, [s, n], 1995. Dissertação de mestrado FELCH/USP

CARVALHO, H. M de. De produtor rural familiar a Camponês. A Catarse Necessária. www.landaction.org/spip/IMG/pdf/3artigodomes_2009.pdf. Acesso em: Nov. de 2010.

CARVALHO, J. J. de. et. alli. *O Quilombo do Rio das Rãs: História, tradição, lutas*. Salvador: EDUFBA, 1995. 270p.

COSTA, M. B. *Análise da sustentabilidade da Agricultura da Região Metropolitana de Curitiba pela ótica da Agroecologia*. Curitiba: UFPR 2004.

DEAN, W. A. *Ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 484p.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO “JOSE GOMES DA SILVA” – ITESP. *Negros do Ribeira: Reconhecimento Étnico e Conquista do Território – 2ª Ed.* – São Paulo: ITESP: Editora Gráfica, 2000.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Comunidades Quilombolas Certificadas. www.palmars.gov.br. Acesso em: Nov. de 2010.

GLIESSMAN, E. R. *Processos Ecológicos em agricultura sustentável*. Porto Alegre: UFRGS 3ª ed. 2000.

GOMES, F. dos S. *A hidra e os pântanos: mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil, (Séculos XVII-XIX)*. São Paulo: Ed. UNESP: Ed. Polis, 2005.

GUZMÁN, E. S. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da Agroecologia. Tradução Francisco R. Caporal. *Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável EMATER-RS*. Porto Alegre, 2001.

IANNI, O. *As Metamorfoses do Escravo: Apogeu e crise da escravatura no Brasil meridional*. 2ª edição. São Paulo: Hucitec – Scientia et Labor: Curitiba, 1988.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. Diagnóstico socioeconômico do Território Ribeira: 1ª fase: caracterização global. Curitiba: IPARDES, 2007.

LEITE, I. B. As classificações étnicas e as terras de negros no sul do Brasil *s/d*. www.cfh.ufsc.br/~nuer/artigos/osquilombos.htm. Acesso em: 28 out. 2010.

LOPES, C. V. G. O Conhecimento etnobotânico da comunidade Quilombola do Varzeão, Dr. Ulysses (PR): no contexto do Desenvolvimento Rural Sustentável. Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Produção Vegetal, do Setor de Ciências Agrárias da UFPR. Curitiba, 2010.

MIRALES, R. A *Identidade Quilombola das comunidades Pedro Cubas e Ivaporunduva*. Dis-

sertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. 1998.

O'DWYER, E. C. (Org.) Terra de Quilombos, Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Antropologia, 1995.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil.* São Paulo: Circulo do Livro, 1995.

WANDERLEY, M. N. B. *A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o rural como espaço singular e ator coletivo* Estudos Sociedade e Agricultura CPDA/UFRRJ. Rio de Janeiro RJ 2000.

TABELA 1

Tempo de cultivo das sementes de cana de açúcar na

Tempo de cultivo (anos)	Comunidade	Nome das cultivares ¹
Menos de 10	1	- Cana de açúcar Catarina
10 – 40	1	- Cana de açúcar Bambu
40 – 100	2	- Cana de açúcar Caninha; - Cana de açúcar Piracicaba ou Piracicabana.
Mais de 100	3	- Cana de açúcar Paulista; - Cana de açúcar Roxa ou preta Morretiana; - Cana Java ou Java 78.
TOTAL	7	

Fonte: Dados de Pesquisa, 2010.

¹ Os nomes atribuídos as respectivas cultivares de cana de açúcar, arroz, feijão e mandioca foram àqueles apresentados pelos agricultores entrevistados.

TABELA 2

Tempo de cultivo das sementes de arroz na comunidade João Surá, Adrianópolis, 2010.

Tempo de cultivo (anos)	Nº de Cultivares	Cultivares
Menos de 10	-	-
10 – 40	-	- Arroz de 120 dias; - Arroz Branco de 90 dias; - Arroz Matão Amarelo ou Amarelão
40 – 100	-	-
Mais de 100	1	- Governinho
TOTAL	4	

Fonte: Dados de Pesquisa, 2010.

TABELA 3

Tempo de cultivo das sementes de feijão na comunidade João Surá, Adrianópolis, 2010.

Tempo de cultivo (anos)	Nº de Cultivares	Cultivares
Menos de 10	-	-
10 – 40	3	- Feijão Carioca; - Feijão Mãezinha; - Feijão Rosinha.
40 – 100	2	- Feijão Mulatinho; - Feijão Manteiga Preto
Mais de 100	1	- Feijão Branco Manteiga ou Manteigão
TOTAL	6	

Fonte: Dados de Pesquisa, 2010.

TABELA 4

Tempo de cultivo das sementes de cana de açúcar na comunidade João Surá, Adrianópolis, 2010.

Tempo de cultivo (anos)	Nº de Cultivares	Cultivares
Menos de 10	-	-
10 – 40	-	-
40 – 100	1	Pão do Céu
Mais de 100	2	Vassourinha ou Pãozinho; São Pedrinho
TOTAL	3	

Fonte: Dados de Pesquisa, 2010.